

editorial

As sementes lançadas pela Marcha Mundial de Mulheres 2000 têm tudo para germinar e criar raízes duradouras que abarquem uma articulação internacional de mulheres que se opõem às políticas neoliberais e ao conservadorismo social reforçado por elas.

A articulação de gênero, classe e raça/etnia ultrapassou o discurso e se concretizou nas práticas comuns em torno dessa campanha, visando combater as múltiplas formas de reprodução desses três eixos de desigualdades que se potencializam mutuamente.

No ano 2000, as mulheres negras, lésbicas, jovens, rurais e urbanas, etc enfrentaram em conjunto os obstáculos gerados pela pobreza e a violência e as armadilhas dos donos do poder mundial.

No próximo ano continuaremos nossa unidade na ação, por isso, no oito de março de 2001 estaremos mais fortes nas ruas. A nossa cor lilás, que se destaca nas manifestações, continuará a significar rebeldia e transformação.

SOF



Mirian Nobre

Manifestação da Marcha Mundial de Mulheres em Nova York:
70% dos pobres do mundo são mulheres.

Mulheres contra o capitalismo neoliberal e o machismo

Mirian Nobre

A Marcha Mundial das Mulheres 2000 foi uma campanha, com um período determinado entre 8 de março e 17 de outubro, de luta contra a pobreza e à violência sexista. Seus resultados apontam para uma articulação mais duradoura do que a campanha propriamente dita.

A proposta de uma articulação internacional em torno de uma campanha teve o sentido de construir uma unidade baseada na ação concreta, na mobilização de grupos de mulheres de base, na pressão por mudanças estruturais. Esta campanha foi auto-convocada pelo movimento de mulheres. Estabelecemos nossa pauta, nosso calendário, nossas interlocutoras.

A resposta ao chamado de mobilização

Aderiram à Marcha 6000 grupos de 159 países e territórios. São grupos do movimento de mulheres e de movimentos sociais mistos, sendo que neste

caso a liderança da Marcha ficou a cargo das mulheres.

As manifestações de encerramento da Marcha na primeira quinzena de outubro mobilizaram milhares de mulheres em todo o mundo. Em Bruxelas, a manifestação das europeias reuniu 35 mil mulheres e foi o encerramento de caminhadas e caravanas vindas dos países. Foram apresentadas à União Europeia exigências para uma Europa ampla (envolvendo os países do leste), aberta (às/os imigrantes), e solidária (na relação com os países

continuação da capa

do terceiro mundo). Em Filipinas, Índia e Bangladesh o foco das manifestações foram os escritórios regionais do Banco Mundial e do FMI. Mulheres de países muçulmanos desafiaram as rígidas leis e tradições e saíram as ruas. As mulheres mexicanas foram em caravana até Washington e Nova York. Lá, 10 mil pessoas participaram da passeata no dia 17 de outubro, sendo que quase 4 mil vieram de outras partes do mundo para participar do evento.

Todos estes números servem para nos lembrar o grande potencial de mobilização do movimento de mulheres que nossa história de luta muitas vezes mostrou.

Desdobramentos regionais e locais

A plataforma internacional serviu de referência à construção de plataformas nacionais e regionais. O debate se espalhou pelo mundo na forma de oficinas, manifestações culturais, protestos. Nestes momentos aproveitava-se para recolher assinaturas de apoio às reivindicações entregues no dia 17 de outubro na ONU. Foram recolhidas quase 5 milhões de assinaturas em todo o mundo.

Mobilizadas em torno da Marcha grupos de mulheres responderam às agressões cotidianas a seus direitos. Na Croácia, elas processaram a revista Playboy que publicou um artigo de incitamento à violência sexista. Conseguiram o direito de resposta e uma indenização destinada a um centro de atendimento a mulheres vítimas de violência.

Em muitos países, as mulheres nas ruas se afirmaram como sujeitos políticos. Foram recebidas pelos presidentes que, quase todos, repetiram a mesma cantilena: nada podem fazer porque estão presos às imposições da economia globalizada.



Manifestação da Marcha nos Estados Unidos, Washington, 15/10/2000.

Visitando o império para dizer basta

O sentido desta jornada de manifestações, assim como de todo o período da Marcha, foi afirmar a posição e a ação das mulheres contra o capitalismo neoliberal e contra o machismo. Interpelamos as instituições internacionais do sistema Bretton Woods (ONU, FMI, Banco Mundial) e os governos dos países ricos e pobres. O objetivo das audiências foi apresentar “no pé da conversa” nossa divergência com as políticas econômicas impostas pelo FMI e pelo Banco e o impacto que elas têm na vida das mulheres. Na ONU mulheres de 6 países em conflito denunciaram a complacência desta organização com os governos que atacam os direitos das mulheres, que traficam armas ou que operam uma intervenção militar como os Estados Unidos vem fazendo na Colômbia.

Os países pobres estão presos na armadilha da subordinação. Grande parte dos orçamentos nacionais estão comprometidos com o pagamento da dívida externa e interna. O pouco de dinheiro novo para investir em programas sociais vem de recursos do Banco Mundial amarrados a projetos elaborados por eles para serem aplicados nos quatro cantos do mundo. Diversos movimentos sociais e ong's terminam integrando esta estratégia. Não por acaso no mesmo dia em que participávamos da audiência com o presidente

do BM ocorria no Brasil um Fórum de combate a pobreza organizado pelo Banco e convidando representantes da sociedade civil. Este é um assunto muito difícil frente a urgência da fome e da miséria em nossos países. Mas a Marcha mostrou que é possível uma outra forma de relação afirmando temas fundamentais como a anulação da dívida externa pública dos países em desenvolvimento e o fim dos programas de ajuste estrutural como condição para enfrentar a pobreza e a subordinação dos países aos ditames do FMI e dos países mais ricos

Daqui para frente

Em toda parte o ano 2000 foi um ano de afirmação e luta pelos direitos das mulheres. A Marcha Mundial nos permitiu por em andamento uma rede feminista em nível internacional. Esta é uma experiência fundamental que queremos preservar e fortalecer desenvolvendo iniciativas próprias e autônomas.

Além disso, reconhecemos que a Marcha se integra plenamente em um movimento mais geral de luta contra a globalização neoliberal. Um primeiro momento é o Fórum Social Mundial que acontecerá no final de janeiro em Porto Alegre. Estaremos presente debatendo nossa experiência, nossa avaliação, construindo alianças e afirmando nossa plataforma feminista

Marcha Mundial de Mulheres no Brasil

Nalú Farias

A Marcha foi lançada no mês de março em 22 capitais brasileiras e várias outras cidades. Com grande participação das mulheres e muita repercussão no meios de comunicação de massa e da imprensa alternativa, demonstrou a força dessa proposta. O dia internacional da mulher foi um acontecimento nacional, teve um mesmo eixo de norte a sul, de leste a oeste do país.

Essa organização continuou crescendo e em todos os estados brasileiros houve comitê da Marcha. De março a outubro as mulheres estiveram mobilizadas, colhendo assinaturas para o abaixo assinado, organizando debates, realizando manifestações. Eram mulheres organizadas no movimento de mulheres, negro, sindical, pastorais, escolas, jovens, trabalhadoras rurais.

A Marcha passou a ser parte do calendário geral de lutas do país e esteve presente no 1º de maio, no Plebiscito da Dívida Externa, nos vários encontros e congressos. Em vários eventos houve uma atividade específica da Marcha como no Encontro Nacional Feminista em João Pessoa.

A Marcha das Margaridas foi um de seus pontos mais altos. As trabalhadoras rurais ocuparam as ruas de Brasília no dia 10 de agosto com a maior manifestação de mulheres já vista. As margaridas se fortaleceram na realização deste projeto que começou muito antes com o debate das reivindicações, das atividades para levantamento de fundos nas comunidades, nos sindicatos, até chegar o momento da viagem: as paradas no percurso, a chegada triunfal na capital do poder.

A marcha empolgou milhares de mulheres de vários setores pelas suas características. Desde o seu surgimento, trazia a idéia de colocar uma nova marca na organização de mulheres. Isso foi expresso no desejo das mulheres em



Mirian Nobre

Manifestação da Marcha Mundial de Mulheres em São Paulo, 17/10/2000.

movimento de mudar o mundo. Suas reivindicações combinaram a luta feminista com a luta por mudanças estruturais em nossa sociedade.

No Brasil não foi diferente. Milhares de mulheres se sentiram fortalecidas ao viverem essa experiência, em que ao mesmo tempo em que organizavam comitês locais, estavam em conexão com mulheres do mundo inteiro que realizam ações parecidas.

Continuaremos em ação por nossas bandeiras de luta

A plataforma feminista se ampliou, expressando a antiga articulação gênero e classe e a necessidade de lutar contra os determinantes estruturais da pobreza e por um modelo alternativo. Nesse aspecto é muito importante o fato das mulheres terem se debruçado sobre temas considerados “dos homens”.

Discutimos economia, dívida externa, reforma agrária, transgênicos, acordo do governo brasileiro com o FMI. E colocamos todas essas questões como parte da agenda para transformação das atuais condições de vida.

Foi fundamental a articulação dessas

questões com a reivindicação do direito de autonomia e autodeterminação das mulheres. E com isso recolocamos nas ruas a luta contra a violência que todas as mulheres sofrem. Por isso, nosso chamado no 17 de outubro foi: “mulheres na rua contra o machismo e o capitalismo neoliberal”.

Ocorreram 30 manifestações regionais trazendo para as ruas cerca de 10 mil mulheres em todo o Brasil. Houve muita criatividade nas passeatas e atos, desta vez animadas pelo lindo hino composto pelo grupo Loucas de Pedra Lilás. As reivindicações de combate a pobreza e a violência sexista se traduziram em denúncias, propostas e afirmação do desejo de sermos donas do nosso destino.

Os comitês estaduais estarão no próximo período realizando balanços e preparando atos para 25 de novembro – dia de luta de combate à violência contra a mulher. No próximo ano estaremos participando do Fórum Social Mundial, ocupando as ruas no 8 de março e realizando uma reunião para avaliar a Marcha e a continuidade de ações conjuntas.

Amor lesbiânico em vídeo

por Lenise A. Lopes Motta*



Desejo proibido traz três histórias de mulheres lésbicas. O primeiro episódio, com Vanessa Redgrave, passa-se em 1961 e aborda com extrema sensibilidade e beleza as implicações e as consequências de não haver regulamentação da união civil entre pessoas do mesmo sexo.

O segundo episódio passa-se em 1972, época de expansão do movimento feminista pela busca de igualdade de direitos na cidadania. E lá estão as lésbicas na luta, cheias de vitalidade, alegria e coragem, apesar de tudo. Chloe Sevigny, a loira de *Meninos não Choram*, veste-se de terno e gravata e é mui-

to interessante a maneira como a história coloca em questão os estereótipos mais femininos ou masculinos das jovens lésbicas feministas.

Alegria podia ser o nome da história com Sharon Stone, que se passa na atualidade, envolvendo o desejo de maternidade das duas amantes e a compra de material para a fecundação num banco de esperma. A mulher com quem a personagem de Sharon Stone vai para a cama é Ellen Degeneres, atriz do seriado americano *Ellen*, que declarou publicamente ser lésbica. O episódio foi dirigido por Anne Hecche, que, naquela época, era a namorada de Ellen.

A sociedade vive regulando desejos, dizendo o que pode e o que não pode. O filme parece demonstrar que não há mal algum numa relação que não traz prejuízo a quem está fora dela. Amor não faz mal, preconceito, sim.

DESEJO PROIBIDO, Vídeos HBO, 2000, direção de Anne Hecche, com Vanessa Redgrave, Marian Seldes, Michelle Williams, Chloe Sevigny, Sharon Stone e Ellen Degeneres

o que rola

Lançada a Associação Justiça para Sandra Gomide

A Associação Justiça para Sandra Gomide foi lançada oficialmente dia 14 de novembro no Sindicato dos Jornalistas de São Paulo, com um debate sobre Legislação e Violência contra a Mulher.

O objetivo a Associação é lutar por justiça nesse caso exemplar de violência contra a mulher, contribuindo para coibi-la. É presidida pelo irmão da vítima, Nilton Gomide e sua diretoria executiva conta com duas dirigentes feministas, Nalu Faria, da SOF e Amelinha, da União de Mulheres. A Associação abriu uma conta corrente para captar recursos para pagar os honorários e as custas dos advogados, além de financiar outras atividades relacionadas ao acompanhamento do caso até o julgamento do assassino.

A movimentação dessa conta corrente será pública. A conta da Associação é: Banco Bradesco, agência: 108-2, conta: 169.180 -5. Divulgue e contribua.

nº18 novembro de 2000 ISSN 1516-8042

CONSELHO EDITORIAL

Andréa Butto, Francisca Rocicleide da Silva (Roci), Helena Bonumá, Ivete Garcia, Márcia Camargo, Maria Amélia de Almeida Teles (Amelinha), Maria Ednalva Bezerra de Lima, Maria Emília Lisboa Pacheco, Maria de Fátima da Costa, Maria Otilia Bocchini, Martha de la Fuente, Mary Garcia Castro, Matilde Ribeiro, Raimunda Celestino Macena e Tatau Godinho.

A folha feminista, ISSN 1516-8042, é um boletim da SOF na luta feminista. Este número tem apoio financeiro da ICCO.

EQUIPE EDITORIAL

Diretora Responsável: Nalu Faria

Editora: Maria Lucia Silveira

Projeto Gráfico: Alexandre Bessa

Diagramação: Márcia Helena Ramos

Fotolito: Forma 3

Impressão: RWC Artes Gráficas

Tiragem: 1000 exemplares

Número avulso: R\$1,50



SEMPREVIVA ORGANIZAÇÃO FEMINISTA

Assinatura anual (10 números): R\$15,00

Rua Ministro Costa e Silva, 36, Pinheiros
05417-080 - São Paulo - SP

Tel/fax: 3819-3876

Correio Eletrônico: sof@sof.org.br

Página na internet:

<http://www.sof.org.br>

próximos números

- **AS MULHERES** e os programas de renda mínima, as Feministas e a esquerda.